



Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores

RUBIRA, Luís. **Nietzsche**: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. São Paulo: Discurso Editorial; Barcarolla, 2010. (Sendas & veredas).

Clademir Araldi

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor dos cursos de Graduação e Mestrado em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS - Brasil, e-mail: clademir.araldi@gmail.com

O eterno retorno e a transvaloração dos valores estão no centro do pensamento nietzschiano dos anos 1880. Para Karl Löwith, o eterno retorno do mesmo (*die ewige Wiederkehr des Gleichen*) nomeia o terceiro período da filosofia nietzschiana. Já para Scarlett Marton, a transvaloração dos valores constitui o terceiro período, da maturidade do pensamento nietzschiano. Não se trata aqui de uma simples periodização, mas de abordar o núcleo do pensamento do filósofo alemão, em seus esforços afirmativos e críticos. Essa é uma tarefa muito difícil, para a qual não encontramos uma solução evidente nos textos nietzschianos. É com o desafio de dar conta da enormidade da

tarefa de vincular o eterno retorno à transvaloração dos valores que Luís Rubira desenvolve a sua investigação no livro que resenhamos.

Em *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*, o autor persegue com obstinação o objetivo de provar que a hipótese cosmológica do eterno retorno do mesmo pode ser compreendida como *condição de possibilidade* da transvaloração de todos os valores. Entretanto, a transvaloração teria sido efetivada por Nietzsche somente no último semestre de atividade filosófica, quando a aquiescência ao *amor fati* mostrou-se como “a condição *necessária* para realizar a transvaloração” (p. 49).

Antes de tudo, precisamos mostrar os desafios impostos a essa tese. À primeira vista, a hipótese (ou tese) cosmológica do retorno parece inviabilizar qualquer tentativa de criação, de crítica ou inversão de valores. A repetição cíclica e eterna de todos os eventos do mundo opor-se-ia a qualquer posição valorativa humana. Diante disso, Rubira delimita sua abordagem ao período de 1881 a 1888, entre a visão do eterno retorno de agosto de 1881 e a efetivação da transvaloração nos últimos meses de 1888. Visto que Nietzsche cunha a expressão “transvaloração de todos os valores” (*Umwertung aller Werthe*) somente em 1884, depois da terceira parte de *Assim falava Zaratustra*, o autor parte da hipótese da repetição cíclica de todos os acontecimentos, situando-a no debate travado pela termodinâmica, pela cosmologia e pela filosofia do século XIX. Como no pensamento do retorno é afirmada a eternidade do tempo, a estratégia argumentativa adotada foi analisar primeiramente as concepções de tempo e eternidade (temas do capítulo I) na história da filosofia. A partir da concepção de *Aiôn* dos gregos antigos (p. 54-70) e da transformação desse conceito em Platão, que acabou por abrir o caminho para a compreensão de uma eternidade atemporal, desenvolveu-se uma concepção de *aeternitas*, tendo como autores mais relevantes Plotino, Proclus, Agostinho, Boécio e Tomás de Aquino. Nos tempos modernos, contudo, abriu-se a possibilidade de pensar uma eternidade no tempo. Essas questões permeiam os séculos XVIII e XIX, de modo que Nietzsche é um “herdeiro problemático”, que tenta dar uma solução satisfatória e extrema ao afirmar a eternidade temporal com base no pensamento do eterno retorno do mesmo. Como Nietzsche chegou a ela?

Quando anotou o pensamento do eterno retorno (em agosto de 1881) como “o novo peso” (*das neue Schwergewicht*) ele já operava com a noção de valor. Peso e valor seriam sinônimos em seu pensamento. No segundo capítulo do livro, Rubira reconstrói as noções de valor e de peso

nos egípcios antigos, no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Isso nos ajudaria a entender por que Nietzsche entende que a moralidade humana surgiu das relações comerciais (p. 135). E, por fim, por que o Deus cristão se tornou a “suprema” medida de valor, ao mesmo tempo em que se estabeleceu como o “peso” maior para a existência humana. Essas considerações permitiriam avançar no esclarecimento da relação intrínseca entre transvaloração e eterno retorno.

A hipótese cosmológica do eterno retorno foi recebida com muitas restrições no meio científico, filosófico e cultural do século XIX. No terceiro capítulo de *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores* encontramos uma reconstrução significativa do debate cosmológico e filosófico sobre o curso circular eterno no século XIX, desde Thomson, Helmholtz e Clausius até Vogt, Engels, Schopenhauer, Dühring, Hartmann, Lange, Nägeli, Caspari, Liebmann, entre outros. As análises de P. D’Torio são importantes para situar a hipótese nietzschiana do eterno curso circular no contexto histórico-filosófico de sua instauração (p. 181-198). Rubira vai além, procurando determinar a posição estratégica do pensamento abissal, em sua vertente cosmológica, como a condição de possibilidade da transvaloração de todos os valores. Não se trata de uma condição entre outras, mas da condição única e própria, que articularia os demais temas, como a vontade de potência e o niilismo.

Chegamos, assim, ao capítulo III, intitulado “A condição de possibilidade da transvaloração de todos os valores”. Nele estão os argumentos principais do autor para provar que a transvaloração dos valores levada a cabo seria o momento mais afirmativo e maduro do pensamento nietzschiano. Antes disso, porém, é necessário retomar os argumentos trazidos na Introdução do livro, pois eles são decisivos para compreender esse capítulo.

Como já se evidencia na Introdução, a opção pelo método genético-estrutural, a partir da senda aberta por Scarlett Marton (p. 40) seria o melhor modo para avançar na compreensão e interpretação da filosofia nietzschiana. É nessa perspectiva que se desenvolve a discussão com os comentaristas principais escolhidos.

Karl Löwith, na obra *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*, compreende o pensamento fundamental do eterno retorno do mesmo como “princípio” da transvaloração dos valores, que possibilita reverter o niilismo. Segundo Rubira, Löwith não investiga os motivos que levaram Nietzsche a postergar a transvaloração aos filósofos e homens

do futuro, nem questiona por que o filósofo solitário só efetivaria a transvaloração em 1888 (p. 24). Inclusive por não utilizarem a edição crítica organizada por Colli e Montinari, nem Löwith nem Deleuze abordariam aspectos decisivos do eterno retorno, especialmente em sua vertente cosmológica. Nesse sentido, a crítica de D’Iorio à interpretação deleuziana do eterno retorno como retorno da diferença é estrategicamente relevante para avançar na demonstração de que a hipótese cosmológica do eterno retorno é condição para empreender a transvaloração. O autor reconhece também em Heidegger o mérito de compreender o eterno retorno como doutrina fundamental de Nietzsche. Entretanto, o filósofo da floresta negra fugiria do núcleo próprio do pensar nietzschiano ao compreender o eterno retorno e a vontade de potência como ápice da metafísica da subjetividade. Mesmo a interpretação heideggeriana, de que a vontade de potência é o “princípio da transvaloração”, é questionável, pois “a vontade de potência pode prorrogar um regime de decadência...” (p. 28). Por mais que tente argumentar nessa direção, restam dúvidas acerca dos motivos pelos quais a vontade de potência não pode ser princípio ou critério da transvaloração. A vontade de potência da vida ascendente, encarnada no tipo de homem nobre, não poderia ser condição para a transvaloração? Não só a vontade de potência, mas também o eterno retorno, como o mais pesado dos pesos, possui uma vertente niilista. O autor, contudo, prossegue com determinação na tentativa de enfatizar a vertente positiva do eterno retorno do mesmo, como condição para a transvaloração.

Quem se ocupa do eterno retorno em suas vertentes afirmativas e niilistas chega a uma encruzilhada. Ao compreender o eterno retorno como “a forma mais extrema do niilismo” (no fragmento de Lenzer Heide), Nietzsche não seria derrotado ou paralisado pelo niilismo, como querem alguns intérpretes (p. 38). Rubira defende que o pensador solitário de Sils-Maria segue uma via afirmativa ao empreender a transvaloração em 1888. Nesse sentido, ele retoma as contribuições de Scarlett Marton acerca do significado do eterno retorno na filosofia de Nietzsche. Após analisar a vertente cosmológica e o aspecto normativo da doutrina do eterno retorno, Marton procura superar essa polarização, uma vez que no pensamento do Nietzsche tardio seria superada a oposição entre o mundo e o homem. Como “experimento de pensamento”, o eterno retorno seria uma hipótese desafiadora para o ser humano ante a *possibilidade* de uma repetição eterna dos mesmos eventos. Apesar de remeter o eterno retorno à afirmação irrestrita

do *fatum*, Marton não forneceria uma resposta satisfatória para problemas (aliás, profundamente enraizados no pensamento de Nietzsche), como a hesitação entre encará-lo enquanto uma tentativa de transvaloração e tratá-lo como “a mais científica de todas as hipóteses” (p. 37). Nesse momento decisivo da argumentação, o autor insere seus próprios questionamentos: “Se, até aqui, procuramos ver de que modo a hipótese cosmológica do eterno retorno é a condição de possibilidade para a tentativa de transvaloração de todos os valores, a partir de agora é necessário encaminhar a reflexão em outra direção: em um pensador que tardiamente afirmou viver uma “filosofia experimental”, qual seria, então, a condição necessária para que a transvaloração tivesse sido realizada anos antes?” (p. 245).

O autor encaminha, desse modo, o quarto e último capítulo de seu livro, com a discussão acerca da incorporação do pensamento abissal, desde o contexto de *Assim falava Zaratustra*. Somente a personagem Zaratustra (p. 262) teria incorporado o pensamento abissal do eterno retorno (na terceira parte do *Zaratustra*). Depois do *Zaratustra III*, Nietzsche precisaria ainda ter coragem para suportar e para afirmar o eterno retorno, transferindo essa tarefa aos filósofos do futuro (em *Além do bem e do mal*) e aos homens do futuro (na *Genealogia da moral*). Por fim, é necessário perguntar: que tipo de homem pode incorporar o pensamento do eterno retorno?

A tarefa da transvaloração, segundo Rubira, continuaria “pesada e sombria” até 1888. O eterno retorno, que esteve presente quase sempre de modo figurado nas obras publicadas após o *Zaratustra*, retorna decisivamente nas obras do segundo semestre de 1888, ligado à tarefa da transvaloração, especialmente no *Crepúsculo dos ídolos*, no *Anticristo* e em *Ecce homo*. Nesse momento crucial da obra tardia, é o próprio Nietzsche que teria forças e condições para realizar a tarefa descomunal da transvaloração. É elucidativo que o próprio Nietzsche inicialmente compreendeu *O anticristo* como o primeiro livro da transvaloração e, posteriormente, converteu-o na totalidade da transvaloração. Ainda em setembro de 1888, o quarto e último livro do projeto “A transvaloração de todos os valores” tem como título: *Dioniso: filosofia do eterno retorno*. O eterno retorno do mesmo “retorna” nessas obras, incluindo também os *Ditirambos de Dioniso*, concentrado metaforicamente em Dioniso. Mesmo que seja pensado como filósofo, Dioniso poderia sustentar a mera possibilidade do retorno eterno como sendo suficiente para fornecer um novo peso, qual seja, a transvaloração de todos os valores? Rubira tenta mostrar, ao fim do livro, a coerência de sua tese à medida que

afirma, a partir da filosofia de Nietzsche, que o sim incondicional à vida e ao mundo, condensado no *amor fati*, é a “condição *necessária*” para efetivar a transvaloração. Numa filosofia marcada desde o início pela afirmação, o *finale* seria o fatalismo radiante contido na expressão *ego fatum*. Não apenas suportar, mas amar o necessário, ser um *fatum* para tudo o que está imerso no mundo único do vir-a-ser. (Não teríamos, assim, que nos deter por muito tempo nas implicações niilistas dessa filosofia incansavelmente afirmativa.) Estendo ao leitor o desafio de refletir sobre os resultados dessa afirmação instigante de Luís Rubira – de que com a realização da transvaloração Nietzsche teria enfim logrado essa união da vontade humana com o destino.

Recebido: 07/03/2011

Received: 03/37/2011

Aprovado: 25/05/2011

Approved: 05/25/2001